

Música no cotidiano de pessoas surdas: contribuições para musicoterapia e educação musical

Thabata Moraes Silva⁹

Noemi Nascimento Ansay¹⁰

Introdução

Pesquisar sobre a música no cotidiano de pessoas surdas se constitui um desafio, considerando que o público alvo desta pesquisa sofreu/sofre uma exclusão educacional, social e cultural em nossa sociedade (BRITO, 1993; SACKS, 1999; LOPES, 2005; THOMA, 2005; STROBEL, 2007; FINK, 2009). Por outro lado, a comunidade surda brasileira, na contemporaneidade, mostra um vigor na construção de novos saberes, nas discussões sobre as singularidades culturais, artísticas e metodologias didáticas e terapêuticas que envolvem esses sujeitos. (STROBEL, 2007; SACKS, 1999; THOMA, 2005).

Cabe esclarecer que quando falamos da surdez, existe uma tendência a generalizarmos e a tratarmos esse grupo de forma homogênea. No entanto, encontramos muitas singularidades e diferenças entre os sujeitos que compõem esse coletivo, como os níveis de perdas auditivas, a idade onde ela ocorreu, o contexto social, familiar, escolar e cultural da qual faz parte a pessoa surda.

Quando nos referimos a relação do surdo com a música é fundamental que se esclareça que tradicionalmente a música foi definida como “a arte de combinar os sons”, limitando aos aspectos auditivos a experiência musical, mas para Aharonián (2008), a música não é simplesmente a organização do som. O autor afirma que essa definição é incompleta, pois a música também é linguagem, tem potencial

⁹ Aluna do 7º período do Curso de Bacharelado em Musicoterapia da UNESPAR/Campus II - Faculdade de Artes do Paraná. Email: thabatams16@gmail.com.

¹⁰ Docente do curso de Bacharelado em Musicoterapia da UNESPAR-FAP. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2522951277654216>.

expressivo e terapêutico e seu objetivo é a comunicação e a expressão social, artística, política e emocional das diferentes culturas.

Desta maneira podemos questionar se a música é apenas um fenômeno sonoro, físico, ou se podemos conceituá-la de forma diferenciada, levando em conta aspectos relacionados à cultura, performance da execução musical, o movimento, a dança e também a letra das canções sinalizadas por pessoas surdas. Também podemos nos questionar se a pessoa surda aprende por meio da música ou podem participar de um processo musicoterapêutico.

Assim, esse trabalho pretende apresentar resultados parciais de uma pesquisa de Iniciação Científica (PIC), do Campus Curitiba II, UNESPAR¹¹. O objetivo geral da investigação foi a aplicação de um questionário em formulário disponível na web, com a finalidade de analisar a importância da música no cotidiano das pessoas surdas, a musicalidade, as preferências musicais e o sentido da música para diferentes grupos de surdos (que utilizam a língua de sinais, surdos oralizados e surdos com implante coclear);

Metodologia

Para a coleta de dados, foi utilizado um questionário com perguntas abertas e fechadas e algumas ilustrações, tendo como referência o trabalho de Ansay, Maestri e Costa (2013). A análise dos dados está sendo realizada por meio da Análise de Conteúdos e tem como principais referenciais os estudos de Bardin (1979) e Minayo (2003).

As imagens utilizadas no questionário, no caso de ilustrar os artistas (cantores, compositores, grupos musicais) estão disponíveis nas redes sociais e sua utilização segue a normativa da Lei 10.406 de 10 de Janeiro de 2002 (Código Civil).¹²

Para a aplicação do questionário, a plataforma escolhida foi o Google Forms, que segundo Silva, Lós e Lós (2011) tem uma diversidade de características

¹¹ Bolsa de auxílio de pesquisas financiada pela Fundação Araucária.

¹² Neste sentido, como a pesquisa é acadêmica e não visa fins comerciais, a utilização das mesmas, tem apenas uma preposição ilustrativa e pedagógica.

vantajosas, uma vez que ela está em um meio favorável que é a internet. Os autores ainda pontuam que “os paradigmas emergentes da educação cada vez mais se aliam ao uso das tecnologias e novos rumos são criados e possibilitados de serem atingidos” (p. 9)

Foram aplicados dois questionários pilotos, em pessoas surdas, para possíveis adequações na terminologia, a fim de proporcionar uma melhor adaptação para o grupo de participantes em questão. De acordo com Gerhardt e Silveira “[...] depois de redigido, o questionário precisa ser testado antes de sua utilização definitiva, por meio da aplicação de alguns exemplares em uma pequena população escolhida”(2009, p. 71).

O termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) foi disponibilizado na primeira página do questionário, os participantes não foram identificados e apenas os respondentes acima de 18 anos foram incluídos na amostra. Para divulgação filmamos um vídeo na Língua Brasileira de Sinais (Libras), que disponibilizamos nas redes sociais, junto com um convite escrito, também enviamos e-mails para instituições de educação de surdos e associações. O trabalho foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética/Plataforma Brasil.¹³

Resultados

Durante o levantamento de dados três sujeitos foram excluídos da amostra, dois deles por optarem pela resposta ‘não quero participar da pesquisa’ e um por ser menor de idade, sendo assim 47 questionários foram computados.

Às primeiras questões referiam-se à caracterização dos sujeitos. Nessas, foi possível constatar a pluralidade dos participantes da pesquisa. Responderam indivíduos de diversas idades e localidades, havendo destaque para as opções de 30 a 59 anos, com 61,70% e residentes do estado do Paraná, 68,08%. Quanto a auto denominação identitária, 89,36% se consideraram surdos e apenas 10,63% deficientes auditivos.

¹³ Número 80787617.0.0000.0094.

Quanto ao grau da perda auditiva, a maior parte dos participantes, 78,72%, possuem o grau profundo, seguido de 10,63% com grau severo, 4,25% moderado, e 2,12% leve. Três pessoas não sabiam dizer o nível de perda auditiva. Quanto a aparelho auditivo, 63,89% não utilizavam e 36,17% utilizavam. Apenas 12,76% possuíam implante coclear, 87,23% não.

Quanto ao grau de escolaridade e profissão a diversidade ainda pôde ser notada, a maior parte dos participantes relataram possuir ensino superior incompleto, 27,65%, e a profissão com maior notoriedade foi a de professor (a) com 31,91%. Ao que concerne às principais formas de comunicação, 87,23% dos participantes alegaram utilizar língua de sinais, 55,31% oralidade, 29,78% escrita.

Quanto a relação destes sujeitos com a música, umas das questões abordou a importância da música para seres humanos. Nessa, 83% responderam que é importante, 14,9% que não. Apenas um participante optou pela opção 'outros'.

Esta resposta confirma o que Hagiara-Cervelline (2003), Ribeiro (2012), Rodrigues (2017) pontuam ao afirmar que o ser humano, independente de sua condição sensorial, é sensível e responde a música. Tal aspecto caracteriza a importância da música, uma vez que ela oportuniza o desenvolvimento humano nos aspectos físico, mental, social, emocional e espiritual (SEKEFF, 2002). Além de possibilitar a inserção dos indivíduos em diferentes contextos: social, cultural e Ideológico (SEKEFF, 2002).

Na pergunta que abordava sobre qual aspecto da música mais chamava atenção dos participantes, as três respostas mais pontuadas foram: vibração 74,5%, performance (show, coreografia, desenvoltura dos artistas) 36,2% e ritmo com 29,8%. Os participantes poderiam marcar mais de uma opção.

Estas respostas confirmam os dados de Ribeiro (2012) que afirma que a melhor metodologia a ser trabalhada para desenvolver referências com música para pessoas surdas é estimulá-las a sentir a vibração com seu próprio corpo.

O aspecto performático e do uso da Língua Brasileira de Sinais também foi destacado pelos participantes surdos. Para Ansay, Maestri e Costa (2013) está

opção relaciona-se a divulgação e valorização da LIBRAS, por meio de vídeos, redes sociais e a inclusão cultural da pessoa surda.

Já quanto ao aspecto rítmico, Willems (1975) afirma que o ritmo musical tem princípios biológicos e é estruturador no nível orgânico, ou seja, todo ser humano possui uma percepção rítmica: batimentos cardíacos, movimentos corporais, respiração e outros. Desta maneira surdos e ouvintes, podem perceber e desenvolver

Conclusão

Como o trabalho está em andamento, apresentaremos durante o Fórum os dados quantitativos já levantados e traremos um breve estudo das categorias já analisadas.

Referências

AHARONIÁN, C. **Introducción A La Música**. 3ª edición. Montevideo, Uruguay. Ediciones Tacuabé, 2008.

ANSAY, N. N.; MAESTRI, R. C.; COSTA, A. B. da. **A música no cotidiano de pessoas surdas**. Anais do XV Fórum Paranaense de Musicoterapia, 2013.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BRITO, F. **Integração social e educação de surdos**. Rio de Janeiro: Babel, 1993.

WILLEMS, Edgar. **Introducción a La Musicoterapia**. Sociedad Argentina de Educación Musical. Buenos Aires, 1975.

FINK, R. **Ensinando Música ao Aluno Surdo: perspectivas para a ação pedagógica inclusiva**. Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2009.

HAGUIARA-CERVELLINE, Nadir. **A Musicalidade do Surdo: Representação e Estigma**. São Paulo: Plexus Editora. 2003.

LOPES, M. C. **A invenção da surdez: cultura, identidade e diferença no campo da educação**. In: THOMA, A.S.; LOPES, M.C. A invenção da Surdez. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

SILVA, A. F. da; LÓS, D. E. da S.; LÓS, D. R. da S.. **Web 2.0 e Pesquisa: Um Estudo do Google Docs em Métodos Quantitativos**. 2011. Disponível em: http://www.pucrs.br/famat/viali/tic_literatura/artigos/outros/14626.pdf. Acesso em:

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

RIBEIRO, D. P. **Glossário Bilingue da Língua de Sinais Brasileira: Criação de sinais dos termos da música**. Tese (mestrado). Brasília: UnB. 2013.

RODRIGUES, I. O. **As Cores do Som: O Potencial Musical do Surdo**. São Paulo: Memnon. 2017.

SACKS, O. W. **Vendo Vozes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SEKEFF, Maria de Lourdes. **Da Música, Seus Usos e Recursos**. São Paulo: Editora UNESP. 2002.

STROBEL. K. L. **História dos surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas** 2007. In QUADROS, R. M. de e PERLIN, G. Estudos surdos II. Petrópolis: Arara Azul, 2007.

THOMA, A. da S. **Surdo: esse “outro” de quem fala a mídia**. In: SKLIAR, C. Um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2005.